

# Unión europea: novos pasos na centralización do poder político ao servizo do capital

## 1. LEMBRANDO ALGUMHAS CARACTERÍSTICAS DA MUNDIALIZAÇÃO.

Quando se fala de *mundialización* ou *globalización* tende-se a pôr num primeiro plano o papel das grandes empresas transnacionais, dos fluxos financeiros, da liberalización comercial... sem embargo em muitas ocasións fica num segundo plano o papel dos gobernos, e en realidade isto que coñecemos como mundialización non se podería explicar sem ter en conta o papel xogado polos gobernos. Cumpriría falar do proceso de privatizacións, das sucesivas reformas laborais, do desmantelamento do *Estado do Bem-Estar*, da liberalización do comercio internacional (surgimento da Organización Mundial do Comercio),...

Da mesma forma quando se fala da crise económica é habitual referirse ao papel das entidades financeiras, à irresponsabilidade dalguns "espe-

culadores", à bolha financeira e nalguns casos à bolha inmobiliária. Sem embargo as orixens da crise son máis profundas. Esta crise vem mostrar os límites do réxime de acumulación que surge da contra-revolución conservadora de finais dos setenta, começos dos oitenta: liberalización dos fluxos financeiros e comerciais, dos investimentos directos e do mercado laboral. Umha configuración específica do imperialismo, a *globalización* ou *mun-*

BERNARDO VALDÊS PAÇOS

Profesor de Economía Aplicada

da Universidade de Santiago de

Compostela. Autor de diversos traballos

sobre política agraria e a Unión Europea

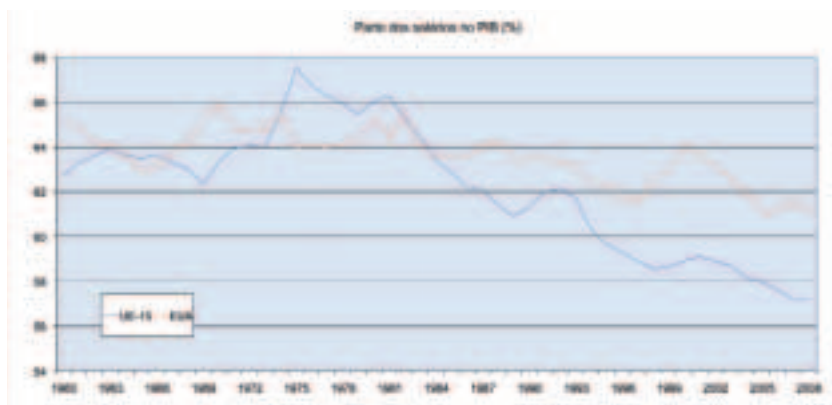


Gráfico 1

Fonte: Husson a partir de dados de AMECO.

Husson, M. (2008), "Le capitalisme toxique", em Inprecor, nº 541-542, setembro-outubro

Gráfico 2

Fonte: EP a partir dos dados de Eurostat



dialização, que tal e como digemos anteriormente nom seria possível explicar sem ter em conta o papel dos Estados ou de entidades como a UE.

Umha das principais características desse modelo de acumulação é o incremento da taxa de exploração. Trás a crise dos setenta, a recuperação dos lucros empresariais desde começos dos oitenta veu da mão dumha diminuição da parte do PIB destinada a remunerar aos/às assalariados/as (Gráfico 1).

Som muitos os analistas que comparárom esta crise com a de 1929, embora existam notáveis diferenças entre a economia mundial daquele momento e a actual, também achamos semelhanças. O que fora presidente da Reserva Federal dos Estados Unidos, Marriner S. Eccles, afirmou depois do crack do 29<sup>1</sup>:

1 Eccles, M. (1951), *Beckoning Frontiers*, Alfred A. Knopf ed., New York.

Se a riqueza nacional tivesse sido mais bem repartida, isto é, se as empresas ganhassem menores lucros, se as classes mais ricas obtivessem rendimentos mais baixos e os classes baixas remunerações mais elevadas, a estabilidade da nossa economia teria sido maior. Se, por exemplo, os seis mil milhões de dólares que fórom utilizados polas empresas e polos indivíduos caudalosos na especulação bolsista fossem aplicados numha política de redistribuição baseada na descida dos preços ou em aumentos salariais, com a consequente diminuição dos lucros das empresas e dos mais ricos, impediria-se ou quando menos atenuaria-se muito o colapso económico desencadeado em 1929.

Este incremento da taxa de exploração tem umha explicação evidentemente sócio-política, umha modificação da correlação de forças a favor do capital em contra do mundo do trabalho: políticas liberais, reformas dos mercados laborais, temporalidade, precariedade,... levárom a recuperação das taxas de lucro em prejuízo dos rendimentos do trabalho. A própria queda do socialismo real, o processo de internacionalização das empresas, a abertura comercial exterior e a integração de China na economia mundial favorecerom esta câmbio, ao igual que na UE a integração dos países do Leste.

Esta contra-ofensiva do capital também se pujo de manifesto nas privatizações que abrírom novas possibilidades de valorização, de obtenção de lucros, ao capital. Um processo privatizador que vem sendo impulsionado polos organismos comunitários baixo o eufemismo de fomentar a livre concorrência.

A recuperação dos lucros nom foi acompanhada, sem embargo, dumha recuperação da mesma magnitude da taxa de acumulação, dos investimentos reais, dos investimentos produtivos. Estes lucros nom investidos na esfera produtiva dirigírom-se fundamentalmente cara à esfera financeira na procura de valorização.

Produziu-se umha hipertrofia da esfera financeira, os fluxos financeiri-

## O Banco Central Europeu – á luz do Tratado da Unión Europea- nace como un organismo que denominavam independente, é dizer, non submetido ao controllo democrático

ros multiplicáronse a escala internacional, os intercambios nos distintos mercados financeiros medraron a ritmos muito mais elevados que a economía real. Este capital-dinheiro concentra-se en grandes bancos, compañías de seguros, fondos de pensións, fondos mútuos, fondos de cobertura (hedge funds),... que procuran valorizar o seu capital a taxas elevadas, acaparando unha parte crescente do mais-valor creado.

A desregulación financeira, as innovacións neste ámbito e as prácticas cada vez máis opacas fixéron posible que o valor dos activos financeiros se multiplicase. Este crecemento da bolha financeira, ao igual que o do valor dos activos inmobiliarios, foi un crecemento en grande parte sen contrapartida real, un crecemento "ficticio". Sen embargo o feito de que o valor do patrimonio financeiro e do patrimonio inmobiliario crecían a ritmos muito superiores aos do patrimonio real tem os seus límites que se evidencian no momento en que o patrimonio virtual tenta plasmar-se na esfera do real.

A hegemonía do capital-dinheiro foi posible pola decisións políticas de distintos gobernos, entre eles os da UE. A desregulación dos mercados financeiros, patrocinada inicialmente por Reagan e Thatcher, foi abraçada con entusiasmo por parte da UE con a assinatura do Acto Único (1986) e o coñecido como *Informe Delors* de 1989.

**2. OS PLANOS DE AJUSTE.** Antes de falar do presente, dos planos de ajuste na UE, permitam-me ir novamente ao pasado. Vam alá 18 anos desde que se assinou o Tratado da Unión Europea, mais coñecido como Tratado de Maastricht. Contemplava este Tratado a creación dunha moeda única e os criterios a cumprir para formar parte do grupo de Estado que se integraba na Unión Monetaria. Resulta chamativo ler a día de hoxe algúns dos argumentos aparentemente mais elaborados que se colocaban para defender a moeda única: tratará-se

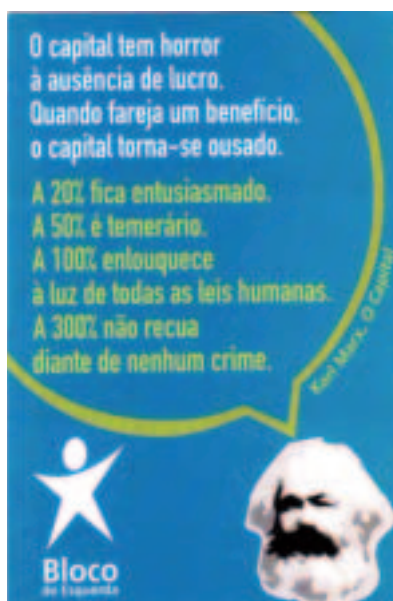
*dunha moeda mais forte e resistente ante presións especulativas ou suporá a eliminación das primas de risco que suportan as diferentes divisas.*

Nese mesmo ano, 1992, o BNG desenvolveu, contra vento e maré, unha campaña de denuncia do que suponha este Tratado. Dous décadas despois as análises do BNG mostran a súa certeza. A integración de realidades económicas muito heteroxéneas nunha unión monetaria, eliminando polo tanto da caixa de ferramentas económicas dos Estados a política monetaria ou cambiaria, e con un orzamento da Unión insignificante que non permite corrigir os desequilibrios<sup>2</sup>, acabou dando lugar a graves problemas que a crise en curso pujo ao descuberto con toda a súa virulencia. Os problemas da Unión eran coñecidos, numerosos os informes alertaban dos riscos de avanzar nunha unión monetaria sen dar pasos adiante noutros ámbitos, mas a corrección dos desequilibrios sociais e territoriais nunca foi unha prioridade.

Entre os criterios que segundo o Tratado de Maastricht tiñan de cumprir os Estados que adoptasen o euro estaba o referido ao déficit fiscal (3%) e o referido á dívida pública (60%). En consecuencia o Tratado non só deixava aos Estados sen a posibilidade de utilizar a política cambiaria ou monetaria senon que tamén limitaba as posibilidades de actuación a través do gasto público. O Pacto de Estabilidade e Crecemento viría prorrogar no tempo os criterios de Maastricht.

Criava-se tamén o Banco Central Europeu como un organismo que denominavam *independente*, é dizer, non submetido ao controllo democrático. O BCE tem un único obxectivo, o controllo dos prezos; non contempla outros obxectivos como o crecemento

2 Em realidade o destino dos recursos comunitario tampouco permite concluir que a corrección dos desequilibrios territoriais ou sociais fosse unha obxectivo de primeira ordem.



Os feitos poñen en evidencia aos que tiñan anunciado a defunción do pensamento marxista e volven ao primeiro plano a necesidade de recuperar as súas análises para comprender a realidade e mobilizar a sociedade

económico, a creación de emprego, o bem-estar, etc. O BCE tem prohibida a concessom de créditos aos Estados-Membros, estes em caso de necessitarem fondos devem acudir ao *mercado*.

A creación da moeda única de acordo ao modelo do Tratado da Uniom Europeaia nom contribuiu a avanzar na correçom dos desequilíbrios na zona euro. Ao contrário o défiet comercial dos Estados menos *competitivos* aumentou notavelmente<sup>3</sup>. No extremo contrário o superávit comercial de Alemanha alcançava cifras de vertigem (Gráfico 2), inclusive superiores em termos relativos às de China. A contrapartida deste superávit comercial foi a exportaçom de capital cara outros países e o endividamento, público ou privado, da periferia da UE.

Nem o Tratado de Maastricht, nem os distintos Tratados que o prorrogárom, contavam com as ferramentas para corrigir esses desequilíbrios macroeconómicos, ao contrário o corsé neoliberal que impugérom impede adoptar as medidas necessárias. Destarte os salários e as condições laborais e sociais convertérom-se no instrumento a utilizar para tentar melhorar a competitividade das áreas desfavorecidas, umhas ferramentas que em realidade nom vinham mais que a acentuar os desequilíbrios territoriais.

Este é o contexto no que estoura a crise em 2007; inicialmente no âmbito financeiro-imobiliário de contado se estende ao conxunto da economia porque, como vimos anteriormente, as suas orixens eram mais profundas, tinham a ver com o modelo de acumulaçom e nom era tam só cousa dalguns especuladores.

Nos primeiros momentos o BCE deu boa mostra de qual é o seu código genético, mais preocupado pola inflaçom que pola marcha da economia reagiu tardiamente ante o arrefecimento económico. Em Julho de 2008 o Conselho de Governo do BCE ainda decidia aumentar a taxa de juro; pos-

teriormente, nas reunions de Agosto, Setembro e na primeira de Outubro resolvía mantê-la. Nom seria até a segunda reuniom de Outubro quando o BCE acordasse umha tímida reduçom na taxa mínima de puxa das operaçom principais de financiamento.

Nom houvo por parte da UE umha resposta conjunta e adecuada ante a crise. O plano de relançamento da economia europeaia anunciado a finais de 2008<sup>4</sup>, que segundo os publicistas comunitários podia ascender a 200 mil milhons de euros (1'5% do PIB) para fomentar a procura, na realidade nom supunha um incremento do gasto comunitário. A maioria, 85% para ser mais exactos, eram recursos orçamentais estatais investidos segundo os critérios de cada Estado-Membro.

Numha primeira etapa da crise a actuaçom dos Estados-Membros centrou-se em salvar às entidades financeiras. Fórom distintas as fórmulas utilizadas mas com um factor comum na maior parte dos casos: a factura das aventuras financeiras foi assumido polo Estado, é dizer, pola maioria da populaçom. O custo para os poderes públicos deu lugar a um aumento da dívida pública. O incremento do gasto nom só se deveu aos planos de salvamento da banca, também houvo importantes ajudas ao outros sectores (p.ex. automóvel) e os estabilizadores automáticos dérom lugar a um incremento do gasto social (p.ex. prestaçom de desemprego). A isto suma-se-lhe, polo lado dos ingresos fiscais, a reduçom dos mesmos que supujo a crise.

Nom podemos esquecer que o déficit público e o crescimento da dívida também tenhem raíces mais profundas: as reformas fiscais regressivas e as reduçom de impostos que se vinham aplicando na UE com anterioridade.

As reformas dos sistemas fiscais impulsionados pola UE com anterioridade, o incremento do gasto derivado dos planos de salvamento da banca e

<sup>3</sup> O Estado Espanhol é um bom exemplo, o seu déficit chegou a superar 10% do PIB

<sup>4</sup> COM(2008) 800 final de 26.11.2008

doutros sectores assim como o crescimento do gasto social pola crise, unidos à redución dos ingresos polo arrefecimento da actividade económica, trouxéron consigo un crecemento do déficit público.

Se a isto se lle une a prohibición do BCE de emprestar-lhe aos Estados-Membros, estes vírom-se obrigados a recorrer a voluminosas emisións de dívida pública para colocar nos mercados financeiros, tendo de pagar elevadas taxas no caso dos Estados periféricos. Neste punto cumpre aclarar que o BCE si opera como banco de bancos financiando às entidades crediticias. Embora reagisse com certa demora ante o estalido da crise também acudiu ao resgate dos bancos, reduzindo consideravelmente as taxas de juro e proporcionando-lhes financiamentos ilimitados. Desde Maio de 2009 a taxa de juro das operaçõs principais de financiamento se situou em 1%. O BCE financia generosamente às entidades financeiras que, entre outros negócios, compram títulos de dívida pública dos governos da eurozona beneficiando-se de juros mais elevados dos que lle tenhem de pagar ao BCE, especialmente se falamos de Grécia, Estado Espanhol, Portugal, etc. O próprio BCE é financia a especulaçõem.

Velaquí o forte crescimento da dívida pública ao que no caso dos países da periferia da UE se lle une o desequilíbrio da balança por conta corrente e o endividamento com o exterior, público e privado, do que falamos anteriormente. Acrescente-se-lhe a desregulamentaçõem financeira e están servidos os elementos que explicam a crise grega ou a do Estado Espanhol<sup>5</sup>, umha crise que tem os seus alicerces no processo de construçõem da Uniom Económica e Monetária.

A resposta comunitária à crise grega evidenciou, sem lugar para a dúbida, a natureza da Uniom Europeia, a sua configuraçõem como um instrumento ao serviço do grande

5 Porém no caso do Estado Espanhol o endividamento público é muito menor.



capital. A UE aproveita a crise para impor recortes no gasto público, reduzições nos salários das/os empregadas/os públicas/os, reduzições das contratações no sector público, reformas regressivas nos sistemas públicos de pensões ou políticas de contençõem salarial<sup>6</sup>. Planos de ajuste que nom tenhem nada que invejar aos que se lhes impugérom no seu momento a muitas das economias latinoamericanas com as dramáticas consequências sociais que todos conhecemos. Novamente o dogma neoliberal de que o excessivo gasto público é causa de todos os males volve a reinar. Este dogma curiosamente esquecido quando se tratava de acudir ao resgate de grandes entidades financeiras ou de apoiar a importantes empresas ou de reforçar o poderio militar invoca-se novamente para justificar recortes no gasto público. Umha olhada polas cifras nom justifica, sem embargo, essa visom: os denominados PIGS, entre os que está o EE, situam-se entre os membros da velha UE nos que as despesas públicas tenhem menos importância. Umha política de recorte das despesas públicas só vai servir para agravar a crise e retardar umha possível recuperaçõem económica. De facto, diversos organismos internacionais ou o próprio governo do EE reconhe-

6 No caso grego no marco do acordo com o FMI prepara-se um amplo abano de privatizações: caminhos-de-ferro, aguas, electricidade, gas natural, etc



A Europa do capital esmaga aos traballadores e baleira a democracia. Xa non só deixa sen apenas competencias aos governos "rexionais" pois nin sequera os parlamentos dos Estados teñen marxe de soberanía suficiente para poder afirmar que responden á "vontade popular" ou representan ao pobo



Os ataques ao galego ou mesmo a campaña antisindical de desprestixio das organizacións de clase non son alleas aos ventos globalizadores que sopran desde a UE que quixeran eliminar as "barreiras lingüísticas" -en termos do PP- e tamén os diques sindicais á enxurrada neoliberal

cérom que os planos de ajuste vam frear o crecemento económico.

Em realidade nom há nengum plano para salvar o povo grego, nem ao doutros Estados, mas para assegurar a devolución dos empréstimos aos credores, fundamentalmente franceses e alemáns, facendo recair o custo sobre as/os traballadoras/es dos Estados da periferia da UE. Da mesma forma o mecanismo europeo de estabilización financeira dotado com um máximo de 500 mil millóns de euros, aos que se podem sumar 250 mil millóns do FMI, vai no mesmo sentido.

A UE vem outorgar-lhe ao FMI um papel de destaque na imposición de políticas neoliberais. Tristemente famoso no pasado polo seu papel em países do denominado terceiro mundo; agora o FMI assume, por encargo das próprias institucións comunitárias, o rol de desenhador das políticas económicas e de gendarme num país da mesma eurozona, Grécia. Ademais o apoio futuro a outros Estados da UE que o solicitem no marco do citado mecanismo europeo de estabilización supedita-se ao cumprimento das condicións impostas polo FMI. Esta asociación entre o FMI, um organismo no que os EUA tenhem um poder indiscutível, e a UE no desenho das políticas económicas da eurozona evidencia, tal e como sempre denunciou o nacionalismo galego, que a UE nom é umha projecto alternativo aos EUA.

Nom há medidas de solidariedade extraordinárias do centro da EU com a periferia, nem sequer umha reestru-

turaçom da dívida impulsionada pola UE, muito menos se questionam os fundamentos da globalizaçom e do processo de construçom da UE que conduzirom a esta crise.

Estes planos aceleram o percurso polo caminho traçado pola Union Europea desde há decadas. Se no pasado muitos dos Estados que formárom a UE fórom protótipo de Estado do Bem-estar na actualidade isto nom é assim. O processo de construçom da UE foi da mao do desmantelamento, mais ou menos profundo segundo os casos, do Estado do Bem-estar: controlo do gasto público social, privatizaçom dos serviços públicos, flexibilidade laboral e moderaçom salarial, privatizaçoms de empresas públicas, reformas fiscais regressivas,... Talvez fosse ingênuo pensar num capitalismo de rosto humano e seja mais correcto ver o desenvolvimento do Estado do Bem-estar como umha anomalia no desenvolvimento do capitalismo explicada, no seu momento, pola existênciam dum modelo económico alternativo e pola fortaleza das organizaçoms sindicais e dos partidos que se reclamavam marxistas. Umha anomalia à que a construçom da UE tenta pôr fim. Seja como for, a crise económica se está convertendo no pretexto dos organismos comunitários para avançar no caminho da barbárie ao serviço do capital financeiro.

Contrasta a dureza dos ajustes impostos com a nom adopçom de medidas significativas de regulaçom financeira a pesar dos inumeráveis anúncios nesse sentido desde os primeiros momentos da crise. Seguramente a UE acabará acordando algum medida desse tipo mas a questom é o alcance das mesmas. Até agora o mais salientável som os acordos do Conselho Europeo de 17 de Junho para introducir taxas e impostos à banca e para propor na Cimeira do G20 de Toronto o estudo da possibilidade de introducir um imposto sobre as transaçoms financeiras. No que se refere à primeira medida, a taxa ou imposto

à banca, haverá que esperar à concreção da mesma, em qualquer caso correrá a cargo dos Estados-Membros a definição por miúdo dessa norma. As declarações do governo do Estado Espanhol<sup>7</sup> especificando que no Estado Espanhol não será necesario aplicar essa taxa porque já tem um Fondo de Garantia deixam entrever que não se trata de nengumha medida destinada a evitar a especulação ou de carácter redistributivo senão ante unha sorte de seguro. No que se refere à proposta da senhora Merkel, posteriormente secundada polo señor Sarkozy e aprovada no Conselho Europeu, para trasladar à reunião do G20 o tempo dirá se entra no terreno da propaganda ou se finalmente acaba dando lugar a um gravame que se aproxime à conhecida como Taxa Tobin. Até agora não há muitos motivos para o optimismo.

No mesmo centro da UE Alemanha também se inclina por políticas de ajuste duro a pesar de que o seu défice fiscal é relativamente reduzido. Não se trata dumha orientação exclusiva do governo presidido pola senhora Merkel, senão que estamos falando de políticos que *grosso modo* venhem partilhando os social-democratas alemães embora nestes momentos, situados na oposição e dada a dureza do ajuste, critiquem as medidas. Lembremos que o crescimento económico alemão assentou-se em boa medida nas exportações, favorecidas pola impossibilidade de desvalorizar a moeda doutros Estados da zona euro. Merkel com a política de ajuste duro opta por manter essa mesma prioridade, a competitividade exterior, assegurando que os salários cresçam menos que a produtividade; em consequência que a parte do produto social que lhe corresponde ao trabalho seja cada vez menor e a do capital maior. Políticas a favor do patronato na Alemanha e com um negativo impacto no conjunto da UE.

<sup>7</sup> Recolhidas na edição de 18 de Junho de *El País*.



**3. ESTRATÉGIA EUROPA 2020.** Na reunião de 17 de Junho, última da presidência de turno espanhola, o Conselho Europeu adoptou a estratégia *Europa 2020*. Esta estratégia marca as orientações para as políticas económicas dos Estados-Membros e da UE. Vem substituir a *Estratégia de Lisboa* que fixou as orientações da UE desde 2000. A pesar da crise a UE não modifica as orientações centrais da *Estratégia de Lisboa* e prossegue no seu caminho neoliberal.

Embora não seja definitiva a proposta da Comissão de recomendação do Conselho contendo a primeira parte das Directrizes Integradas Europa 2020<sup>8</sup> é sumamente ilustrativa do caminho desenhado:

- reforma das despesas públicas associadas ao envelhecimento da população, tais como as despesas em matéria de saúde e o aumento da idade efectiva de reforma. O próprio acordo de 17 de Junho contempla a reforma dos regimes de pensões.
- os sistemas impositivos e de prestações deverão oferecer incentivos que façam rentável o trabalho.
- os Estados-Membros devem favorecer um quadro propício aos sistemas de negociação salarial e à evolução dos custos da mão-de-obra que se coadune com a estabilidade dos preços, a evolução da produtividade e a necessidade

<sup>8</sup> SEC(2010) 488 final de 27.4.2010



É fundamental tomar consciência de classe frente a ideia da “família común” que quer transmitir o governo, dando a entender que os benefícios dos bancos, dos ricos, são bons para o conjunto, e o sacrifício dos trabalhadores serve para melhorar as condições de vida dos desempregados. Os interesses contrapostos que funcionam e se agudizam na actual sociedade, sobre todo, unha vez levantados certos resortes de autocontrolo, provocam que os poderosos se lucrem e especulem a costa dos trabalhadores e estes vexam baixados os seus salários e prestações para incrementar dito lucro dos seus exploradores



A ostentación imperialista doutroa disimúlase e acochase baixo o concepto de “mundialización” ou “globalización” como se simplemente se incrementara o intercambio en pé de igualdade, cando a realidade é que se torcen as leis do mercado en función duns determinados intereses, cando non, simplemente se deixa este ao paioiro baixo o imperio da lei do máis forte

*de reducir os desequilibrios externos*<sup>9</sup>.

- Se o preferem mais claro, os Estados-Membros da área do euro que apresentem défices importantes e persistentes da balanza corrente debido a uma falta de competitividade persistente ...devem igualmente visar uma redução dos custos do traballo por unidade do produto.
- A evolución salarial deve ter em conta as divergências a nível das qualificações e das condições locais do mercado de traballo, bem como as disparidades importantes que existam entre as regiões de um mesmo país, em termos de desempenho económico.

Nom faltam tampouco en *Europa 2020* as referencias as reformas estruturais no mercado de bens e servizos, eufemismo na maior parte dos casos de privatización ou desregulamentación; ou no mercado laboral, eufemismo de precarización. Si falta entre as directrices para as políticas económicas contempladas na citada recomendación da Comissom unha referencia à corrección dos desequilibrios regionais. Nom é necesario seguir com o relato, *Europa 2020*, mais unha vez, evidéncia claramente a existéncia dum programa europeu

contra os dereitos das clases populares, chegando mesmo a advogar pola existéncia de menores salários naquelas regions (nom Estados, regions) de menor sucesso económico.

Entre os aspectos em certa medidas novidosos da estratexia *Europa 2020* salienta, sem dúvida, um: a ênfase a coordenação das políticas económicas. Na sua reunión de 8 de Junho o Consello de asuntos económicos e financeiros recollíao claramente, *no corazón desta nova estratexia achase um quadro de coordenação reforçada das políticas económicas do Estados-Membros, com base numha ampla vigilância dos países, visando umha abordagem integrada de todas as políticas macroeconómicas e estruturais pertinentes.*

#### 4. REFORÇANDO A GOVERNANÇA ECONÓMICA NA UE.

Entre tantas noticias relacionadas com a crise, riscos da dívida soberana, planos de ajuste, reduções salariais ou reforma laboral tem pasado praticamente inadvertido, ou talvez ocultado, para a os grandes meios de comunicación as propostas para dar novos passos na centralización do poder político na UE.

Viu-se como a crise está sendo aproveitada para impor planos de ajuste decididos polos organismos comunitários, em coordenação com o FMI, nos Estados da periferia da UE. Com estes planos a UE deu um passo mais alá do que vinha sendo a sua actuação na coordenação de políticas económica, já nom é de facto umha coordenação mas umha exercicio de poder. Sem embargo ao falar de novos passos na centralización do poder político nom nos referimos à imposición destes planos de ajuste. Este é um procedimento que se pode qualificar como extraordinário, sem embargo por parte das institucións comunitárias se están dando passos para que esse exercicio de poder seja a norma e nom a excepção. É o que denominam *reforçar a governança económica* na UE.

9 O Banco Central Europeu incidia recentemente nesta recomendación, *a negociación salarial deve permitir o ajuste apropiado dos salários à competitividade e à situación de desemprego* (p. 8). BCE (2010), *Boletín Mensual* Junio, Fráncfort.



Neste sentido em Março de 2010 criou-se um Grupo de Missom sobre a governaçom económicu dirixido polo prúprio Hernan Van Rompuy, presidente do Consello Europeu, e integrado por representantes dos Estados-Membros, na súa maioría os ministros de economía, polo presidente do BCE e polo presidente do Eurogrupo. Na súa primeira reuniom, em Maio, alcanzou um acordo sobre os seus obxectivo fundamentais entre os que está *reforçar a governaçom económica em termos institucionais*.

No mesmo sentido a Comissom apresentou em Maio umha comunicaçom na que propom reforçar a governaçom económica na UE<sup>10</sup>. Entre as medidas propostas nesta comunicaçom están:

- Reforçar a coordenaçom das políticas orçamentárias (ingressos e despesas) e o cumprimento mais estrito do Pacto de Estabilidade. Para isto fala-se de assegurar que a elaboraçom dos orçamentos estatais tenha em conta a disciplina orçamentária da UE, de impor sançoms mais severas aos Estados que apliquem políticas orçamentárias inadecuadas, etc.
- Vigiar mais de perto a evoluçom macroeconómicu na zona euro. Umha vigilância que inclui a formulaçom de recomendaçoms de política económica. Estas recomendaçoms, entre outros aspectos, podem referir-se aos ingresos e gastos públicos, ao funcionamento dos mercados de bens ou servios, ou ao mercado laboral.
- Sincronizar a avaliaçom da política económica e escala da UE com o obxectivo fundamental de garantir umha supervisom *ex-ante* das políticas orçamentária e económica e a aplicaçom das recomendaçoms nos diferentes Estados. Esta supervisom incluiría a revisom dos orçamentos dos Estados-Membros. Os Estados-

Membros apresentariam no denominado "semestre europeu" os seus Programas de Estabilidade e Convergência e os seus Programas de Reforma para a súa supervisom polos organismos comunitários. O Consello, baseando-se na avaliaçom da Comissom, formularía a súa orientaçom e avaliaçom a tempo para ser tidas em conta na elaboraçom dos orçamentos dos Estados-Membros.

- Posta em marcha dum mecanismo permanente de resoluçom de crises nos Estados da zona euro. Fala a Comissom dum instrumento similar ao mecanismo europeu de estabilizaçom financeira aprovado em Maio.

Falamos em qualquer caso dum documento da Comissom contendo propostas que nesse momento ainda nom estavam aprovadas. Segundo a prúpria Comissom as suas propostas nom requerem modificaçoms do Tratado de Lisboa senom que se baseiam em aproveitar ao máximu os instrumentos que contempla. Isto vem confirmar umha factu denunciado no seu momento polo nacionalismo galego e por outras forçs progressistas europeias, o Tratado de Lisboa permite dar novos passos na centralizaçom do poder político. Agora a Comissom pretende aproveitar a situaçom de crise económica para andar esse camiño.

No Consello Europeu de 17 de Junho Herman Van Rompuy apresentou um informe sobre a situaçom dos trabalhos no Grupo de Missom ao que nos referimos anteriormente, em particular sobre *os meios* para melhorar a coordenaçom das políticas económicas dos Estados-Membros, especialmente no que se refere à vigilância orçamentária e, com carácter mais geral, à vigilância macroeconómicu. Embora o informe final do Grupo nom estará até Outubro o Consello Europeu adoptou um conxunto de medidas na linha apontada pola Comissom no documento ao que nos referimos anteriormente. Entre as orientaçoms

O desenvolvemento dum sistema de sançoms progressivo e com um procedimento de aplicaçom mais rápido tenta garantir que ninguém se desvia do camiño desenhado

10 COM (2010) 250 final de 12.5.2010.



Para uns a crise é unha oportunidade para aplicar medidas antisociais que en condicións normais serían inaceptables pola poboación, para outros, para quen a súa precariedade é maior, a crise acentúa a súa situación de inestabilidade e incerteza

marcadas no documento de conclusións do Consello salienta:

- Reforço da vertente correctiva e preventiva do Pacto de Estabilidade e Crescemento con sancions asociadas.
- A adopción a partir de 2011 do denominado *semestre europeu*.
- Garantía de que todos os Estados-Membros dispoñen de regras orçamentais que se coadunen con o Pacto de Estabilidade.
- No que di respecto à supervisión macroeconómica desenvolvemento dum quadro de supervisión eficaz, en particular dos Estados da eurozona.

Também o Banco Central Europeu, por boca do seu presidente Jean-Claude Trichet, se somou a esta ofensiva. Na súa comparecência no Parlamento Europeu de 21 de Junho defendeu o reforço do control das políticas orçamentárias dos Estados-Membros e, mais amplamente, das políticas para manter a competitividade interna e externa. No primeiro dos aspectos advogou por unha supervisión mais *independente*<sup>11</sup>, por un maior automatismo e rapidez nos procedimentos sancionadores, por unha ampliación dos aspectos sancionáveis, pola consideración dum abano mais amplo de sancions e por un maior poder para a Comissom. No segundo dos aspectos o senhor Trichet fixo fincapé na inclusom dos sectores nom mercantis

11 Noutras palabras, nom submetida ao control democrático.

dentro da vigilância e na gestom dos saláries e dos custos como o elemento central dessa vigilância.

Os organismos comunitários tentam aproveitar a situación de crise económica nom só para aprofundar nas políticas neoliberais seguidas nas últimas décadas senom para dar mais umha volta de porca na centralización do poder político, particularmente no que se refere ao desenho de políticas económicas. Embora haja que esperar à letra pequena para conhecer com exactidom o alcance das medidas aprovadas pode tratar-se de acordos muito significativos. A aproçom do orçamento anual é umha das dispoçions mais relevantes que acordam os parlamentos estatais; o conxunto de medidas adoptado polo Consello pode condicionar de jeito muito importante essa prerrogativa do poder legislativo de cada un dos Estados-Membros, obrigando à supervisión prévia dos mesmos antes de serem aprovados polos respectivos Parlamentos. No mesmo sentido o desenvolvemento dum sistema de sancions progressivo e com un procedemento de aplicaçom mais rápido tenta garantir que ninguém se desvia do camiño desenhado. Também a criação dum sistema de supervisión da evolución macroeconómica em sentido amplo pode dar lugar a um maior control e intervençom nas políticas seguidas em âmbitos económicos muito diversos. Em qualquer caso a centralización do poder político, particularmente com respeito à política económica, nom é un proceso isento de tensons e de carácter irreversible. Tanto porque as políticas impostas desde o centro causam importantes desequilíbrios económicos e tensons sociais que podem levar a pô-lo em causa, como porque os intereses das elites dos Estados-Membros da EU nom sempre som coincidentes. Em qualquer caso a centralización do poder político e imposiçom de políticas económicas em beneficio das elites económicas coadunam com o *projecto europeu* ■